

HISTÓRIAS DE VIDAS: REFLEXÕES FORMATIVAS DE EDUCADORAS DE CRIANÇAS PEQUENAS

LIFE STORIES: FORMATIVE REFLECTIONS OF EDUCATORS OF YOUNG CHILDREN

Maria José de Melo e Alvim Aguiar 1
José Carlos de Melo 2
Maria José Albuquerque Santos 3

Mestrado em Gestão de Ensino da Educação Básica- PPGEEB. 1
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) -São Luís, Maranhão, Brasil. Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/9476862030794128>. Orcid iD: 0000-0001-9161-2472.
E-mail: alvimmaria10@gmail.com

Pós-Doutor em Educação. Universidade Federal do Maranhão 2
(UFMA), Docente do Programa de Pós Graduação em Gestão de Ensino da
Educação Básica- PPGEEB São Luís, Maranhão, Brasil. Lattes:[http://lattes.cnpq.
br/1282285394690979](http://lattes.cnpq.br/1282285394690979).OrcidID:0000-0002-0501-8141.
E-mail: mrzeca@terra.com.br

Pós-Doutora em Educação Universidade Federal do Maranhão 3
(UFMA), Docente do Programa de Pós Graduação em Gestão de
Ensino da Educação Básica- PPGEEB São Luís, Maranhão, Brasil. Lattes:
7813056400960470. Orcid iD: 0001-5743-9290.
E-mail: maria.albuquerque@ufma.br

Resumo: Este artigo versa sobre possibilidades de se trabalhar a história de vida como abordagem narrativa para o processo de formação de professores e pesquisa no âmbito educacional em que os sujeitos pesquisados narram, através da rememoração, o início de suas atividades na docência: seus apreços e desafios nessa etapa permitindo se pensar nos desafios da momento atual. Trata-se de uma revisão de literatura, juntamente com um estudo exploratório, cuja panorâmica perpassa pela entrevista de cunho narrativo com sete professoras da Educação Infantil, cujos contatos aconteceram via e-mail, WhatsApp. Fundamenta-se a pesquisa narrativa com Souza (2007; 2012), histórias de vidas com Goodson (1992; 2017), mobilizando a reflexão sobre a essencialidade da narrativa nas experiências do processo formativo; Larrosa (2006; 1995; 2002) é destacado junto a outros autores a nortear a perspectiva narrativa, colaborando com o desenvolvimento docente na qual constatamos um processo reflexivo por meio da rememoração de experiências em seus diferentes tempos, espaços e contextos perspectivando uma contínua formação.

Palavras-chave: Processo Formativo. Perspectiva Narrativa. História de Vida.

Abstract: This article deals with the possibilities of working life history as a narrative approach to the process of teacher training and research in the educational context in which the subjects surveyed narrate, through remembrance, the beginning of their activities in teaching: their appreciation and challenges in this step allowing us to think about the challenges of the current moment. This is a literature review, together with an exploratory study, whose overview runs through the narrative interview with seven teachers of Early Childhood Education, whose contacts took place via email, WhatsApp. Narrative research with Souza (2007; 2012) is based, stories of lives with Goodson (1992; 2017), mobilizing reflection on the essentiality of narrative in the experiences of the formative process; Larrosa (2006; 1995; 2002) is highlighted with other authors to guide the narrative perspective, collaborating with the teacher development in which we see a reflective process through the recall of experiences in their different times, spaces and contexts with a view to continuous training.

Keywords: Formative Process. Narrative Perspective. Life's history.

Introdução

Tenho de escrever. É tão perigoso.

Quem tentou sabe.

Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

(Clarice Lispector, 1992)

Enveredamos pela perspectiva da narrativa perseguindo sua potência educativa-formativa pelo agenciamento de histórias de vida em contexto formativo, categorizando conceitos que contribuem ao desenvolvimento profissional do educador. Temos a abordagem narrativa como uma estratégia de explicação e ensino constituída como veículo comunicacional, cujo principal signo – a ‘palavra’ é redatora do legado cultural atemporal e tridimensional, que se configura como fenômeno de humanização.

Benjamin (1993, p.177) enfatiza que numa palavra toda e qualquer “comunicação de conteúdo é linguagem, sendo a comunicação através da palavra apenas um caso particular, subjacente a conteúdos humanos ou que nele se baseiam (justiça, poesia, etc)”. A multiplicidade da linguagem encontra nos textos narrativos expressões que compõem o percurso da humanidade e expõe experiências revestidas pela linguística poética, estética, mitológica, cinematográfica, pictórica, mímica, cujo campo imaginário, criativo e normativo do humano que se potencializa pela palavra dialogada consigo e com outros.

Neste artigo fazemos uma revisão de literatura, juntamente com um estudo exploratório, no qual apresentamos a fundamentação interconectada com nossos pressupostos teóricos, dialogados com a perspectiva investigativa da narrativa, tentando compreender os desafios e as pistas dadas no percurso cartográfico das histórias docentes, sem intenção de esgotar ou fechar o ciclo dessa reflexão.

O percurso trabalha com as histórias do início da carreira docente, contadas por sete professores da rede pública municipal da Educação Infantil de uma capital nordestina, com a finalidade de esquadrihar os sentidos, para identificar e conhecer os desafios que cerceiam a prática docente na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, objetivamos analisar a perspectiva narrativa como possibilidade constituidora do processo formativo do educador, com vistas à potencialização pela reflexão sobre suas próprias histórias de vida formativa. Para tanto, buscamos reconhecer a historicidade e o processo científico da abordagem narrativa, refletindo sobre a força dos escritos narrativos dos educadores para o desenvolvimento profissional. Ancoramos nosso estudo nas pesquisas de Eliseu C. Souza (2007; 2012), Ivor Goodson (1992; 2017), Marie-Christine Josso (2016), dentre outros, que seguem esse paradigma como estratégia investigativa.

Para melhor entendimento, o trabalho abrange cinco partes estruturadas em: introdução, apresenta o objetivo da pesquisa, principais referências teóricas e uma pequena panorâmica sobre a perspectiva narrativa; seguimos para a segunda etapa “Estudos narrativos: que história é essa?”, onde contextualizamos historicamente a abordagem narrativa, reconhecendo sua atuação frente ao rigor científico exigido à pesquisa; na terceira etapa “História de vida: uma narrativa a ser contada”, registramos a entrada da história de vida como categoria no processo de pesquisa e sua participação como estratégia formativa; a penúltima etapa “Conhecendo as narrativas docentes: o percurso metodológico, caracteriza o trajeto metodológico identificando particularidades referentes à pesquisa e, por fim, apresentamos nossas considerações de encerramento.

Estudos narrativos: que história é essa!?

Situamos a 'história de vida' como pesquisa narrativa reafirmando segundo Martins e Tourinho (2017) o interesse acadêmico pela narrativa, em perceber o outro e melhor compreender a dinâmica da educação. Emergindo dos departamentos de Literatura, Sociologia, Antropologia e Psicologia, a 'história de vida' alcança os campos da cultura, educação, artes visuais, história, cinema, teatro, dentre outros e culmina com a entrada de áreas como Educação Física, Serviço Social, Medicina, Enfermagem, buscando assim novas formas de conhecer outras realidades.

A 'história de vida', surge na década de 1970 e aflora desse contexto com ênfase na formação de educadores em escala mundial, momento em que eclodem as guerras do Vietnã e a Guerra Fria. Inicia-se, desse modo, a necessidade de um sentimento de escuta e compartilhamento de experiências, forjando os indícios à identificação de uma problemática voltada à prática social, cultural, educacional contidas nas reminiscências do sujeito e as pequenas narrativas passam a ser alvos de discussão científica, rompendo com a hegemonia positivista e o trânsito diacrônico da metodologia historiográfica que sucede os fatos.

A 'história de vida' proposta na perspectiva narrativa não se enquadra ao modelo cartesiano da ciência pragmática. Dessa forma, as referências de Souza e Kramer (2003, p.21) se fundamentam nos estudos de Ferrarotti (1983) e concluem: "O importante a destacar nessa abordagem é a compreensão da história enquanto memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa operatória para o futuro". Contribuindo com essas ideias postas, Bolívar (2002, p.2) afirma, "contar as próprias vivências e ler, no sentido de interpretar, ditos feitos e ações, a luz das histórias que os atores narram, se converte em uma perspectiva peculiar de investigação".

As narrativas que intencionamos trabalhar não se resumem ao ato de contar ou puramente descrever, como modal linguístico, mas a intenção da perspectiva narrativa no processo formativo docente é ser uma via para autorreflexão em que o resgate de experiências permite a revisitação memorialística diante do vivido. Sobre esse olhar, Moraes (2000, p. 81) nos explica que:

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história mas o cruzamento de umas com as outras.

Assim, o narrativo não se categoriza como relato descritivo, enquanto abordagem de pesquisa, em virtude da necessidade de expressar na escrita ou na voz do narrador suas apreensões, vivências, memórias, experiências e permitir que essas possam ser compreendidas e compartilhadas, espelhadas e refratadas no processo dialético em que o narrador alimenta e se alimenta, forma e se forma, em um processo de reflexividade.

Como método de pesquisa, Josso (2016) assevera que as 'Histórias de Vida', foram usadas na sociologia como metodologia de observação participante, no início do século XX, por W. I. Thomas e F. Znaniecki pela Escola de Chicago, ambicionando seu uso na pesquisa clássica, como também, instrumento de conscientização e formação com interesse à compreensão social das relações de trabalho entre os sujeitos.

Na Alemanha, Wilhelm Dilthey usa a autobiografia como abordagem para reconhecimento histórico da realidade nas ciências humanas, assim Pineau (2016, p. 48) explica que:

“Ele a considera como arte senão uma ciência hermenêutica de articulação da expressão e da compreensão do sentido da vida”. Corroborando à referência de Josso (2016), Pineau (*ibid*) reafirma que a Escola de Chicago, com Thomas e Znaniecki (entre 1918/1920), usa a perspectiva biográfica, como arte metodológica de conhecimento social passando à íntegra, o interacionismo simbólico e etnometodológico.

Pineau (2016) refere-se às histórias de vida e relatos de vida, biografias e autobiografias como “expressão da temporalidade pessoal vivida” e que aqui tomaremos como categoria conceitual por traduzir objetivamente a intenção de nosso estudo. Contudo, características percorridas nos estudos de Pineau (*ibid*) são ressaltadas aqui, como forma de aprofundamento:

Bourdieu fala de ‘ilusão biográfica’ (1986), Sève, de ‘revolução’ (1987). Alguns vêem o método biográfico como um simples meio de pesquisa de opiniões (PÉNEFF J., 1990). Outros Consideram-no como uma abordagem que se inscreve ‘no domínio das ciências humanas clínicas, indo do relato de pesquisa à intervenção biográfica’ (LEGRAND M., 1993, 4ªcapa). A autobiografia é apresentada seja como gênero literário (Lejeune P.,2005), seja como uma prática antropológica (GUSDORF J., 1991). O relato de vida é proposto seja como termo genérico para cobrir ‘o conjunto do campo biográfico..., [...] (LEJEUNE P., 1980, p.230), seja como maiêutica social, uma primeira matéria de uma ciência social transdisciplinar (POIRIER J. et al, 1983). A história de vida é vista também como uma noção do senso comum (BOURDIEU, 1986) ou como ‘uma passagem obrigatória para renovação substancial das ciências do homem em sociedade’ (FERRAROTTI, 1983, p.99 *apud* PINEAU, 2016, p. 42).

Considerando o que já foi mencionado até aqui, situamos o entendimento da relação terminológica: história de vida, biografia e autobiografia, imbricadas e configuradas pelo sentido em que se aplica. A narrativa de vida do professorado pode se registrar como uma biografia ou por uma autobiografia, ressaltando que o gênero aplicado pode se constituir como uma fonte de informação para conhecer a realidade docente, como também o processo formativo, que se dá dialeticamente na transição do ser conhecido e do conhecer a si próprio.

Evidenciamos que na década de 1990 a narrativa passa a ser amplamente reconhecida como pesquisa qualitativa e Hernández (2017) faz referência em suas pesquisas, explicando que:

Durante a década dos noventa, aceitou-se como pesquisa narrativa a forma de investigação qualitativa que, num sentido amplo, estava baseada em narrativas que descreviam a ação humana (CASEY, 1995-96). Começou-se então a utilizar o termo ‘pesquisa narrativa’ como categoria, como referente no qual se incluíam uma série de práticas emergentes e que se articulavam [...] que Larraín (2010) organizou¹ em: biografias, autobiografias, relatos educativos, narrativas pessoais, documentos pessoais, documentos de vida, relatos de vida, história oral, etno-história, autoetnografias, etnopsicologia, etnodrama, memória popular e testemunhos latino-americanos. (HERNÁNDEZ; RIFÁ, 2011, p.28-29 *apud* HERNÁNDEZ, 2017, n.p).

¹ Conelly e Clandinin (1990) *apud* Hernández (2017) reclamam para si a origem da orientação da pesquisa narrativa, em um texto publicado no Educational Researcher, em que apresentam a duplicidade dessa perspectiva: uma pelo diminuto paradigma positivista para apreender as experiências das pessoas; a outra, pela adoção da metodologia narrativa nas correntes críticas.

A potencialidade dos narrativos é reconhecida em todo percurso social da humanidade, presente pelos mais diversos portadores textuais e tem agora, na contemporaneidade das ciências, a oportunidade de se integrar ao contexto investigativo como estratégia teórico-metodológica, cujo educador pode ser explorado investigativamente como sujeito e objeto. A perspectiva narrativa no âmbito das ciências ocorre de forma colaborativa entre o ouvinte/leitor/pesquisador e o sujeito pesquisado/informante/escritor narrador, interagindo em uma experiência narrativa em que ambos os atores sociais buscam o sentido produzido pelos narrativos. Côncios de que os estudos narrativos abarcam a experiência educativa e que o ser humano, portador da palavra em suas múltiplas linguagens é um narrador em potencial, evidenciamos o dito de Connelly e Clandinin (1995, p.11) para continuarmos nosso diálogo:

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de La educación. La razón principal para El uso de La narrativa em La investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente vivimos vidas relatadas.

Portanto, enquanto perspectiva narrativa, esta se faz pelo estudo e busca da compreensão da experiência educativa. Afinal, o que tem nos tocado e nos marcado no percurso de desenvolvimento das muitas aprendizagens e compartilhamentos no decorrer de nossa história formativa do processo educacional, no qual ensinamos, aprendemos e nos formamos permanentemente? O que temos a dizer sobre essa história, sobre essas experiências ou o que temos a escrever, e mais, o que temos ou podemos refletir frente às lembranças memorialísticas imbricadas em nós e que, diante da vivência e aprendizados presentes temos subsídios para, não só pensarmos como repensar no vivido e refazer uma nova história que subsidie os passos futuros em nossa prática docente?

A aprendizagem formativa, é também destacada por Goodson (1992) ao defender que ela se dá na intersecção das histórias, particular e coletiva experienciadas pelos educadores. Consideramos, então, que as experiências no processo narrativo das histórias de vida são fontes memorialísticas fundantes à pesquisa e à formação docente. Concebendo a experiência como ação contínua e interativa, Clandinin e Connelly (2011, p. 51) asseveram que esta:

[...] é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com o milieus. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social.

Assim, a construção de narrativas permite a interrogação de si mesmo – a escrita de si, constitui um exercício ao rememorar e refletir suas vivências e reminiscências, suas marcas e experiências, a partir da mediação no processo investigativo, diante da escuta e leitura do outro. Assim, o trabalho com a história de vida nas ciências humanas e na interpretação interativa, legitima experiências vividas por atores em seu campo de saber cujo conhecimento precisa ser esquadrinhado.

A história de vida é referenciada por Josso (2016) sobre experiência como paradigma de conhecimento:

[...] paradigma de um conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de vivências singulares. Trata-se, entre outras coisas, de dar uma legitimidade para a subjetividade explicitada, fora de seus territórios reconhecidos na literatura, nas artes e nas psicologias analíticas.” (JOSSO, 2016, p.10).

Dessa forma, consideramos a experiência do outro (docente/colaborador), que em colaboração, alia-se ao sujeito investigador na recíproca troca de experiências, em que ambos os sujeitos são afetados pela multiplicidade de contextos, permitindo, assim, o olhar retrospectivo de si pela lente do outro.

A experiência, e não a verdade, é que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA; KOHAN, 2018, p.1)

A experiência dá sentido à reflexão e à prática docente, e a história de vida encontra subsídio à formação, articulando o conhecimento experiencial ao conhecimento teórico na dialética estruturante do processo de aprendizagem, que se dá reflexivamente pela narrativa de si.

História de Vida: uma narrativa a ser contada!

A insurgência dos relatos de histórias de vida no âmbito das ciências humanas conduz à chamada: “Virada Narrativa”, movimento decorrente do interesse emergente pela biografia, autobiografia, história de vida profissional e pessoal dos educadores.

O respectivo movimento nos incita trabalhar as narrativas docentes, descobrindo os saberes e apreensões experienciais vividas no início do percurso formativo, expressando a reflexividade das ações pedagógicas no âmbito da Educação Infantil, tendo em vista que o seu sentido humanizador perpassa pelo desenvolvimento da infância para qual a formação docente precisa ser adequada, a fim de garantir a compreensão de que à criança seja assegurada o direito de aprendizagens externas ao seu estado biológico, ao que está no meio social, nas relações, interações, experiências e vivências sociais, culturais e históricas. Portanto, a formação do professorado da Educação Infantil se interconecta diretamente ao estado e ao processo de desenvolvimento infantil.

Contudo, para pensarmos em prática docente, refletimos inicialmente na formação permanente em serviço e sua aplicabilidade a essa prática, pois ambas parecem estar sob a mesma confluência dimensional de dependência, quando direcionamos nosso olhar à necessidade de um *continuum* estudo que alimenta e é alimentado na atividade docente. Assim, tomamos como princípio, para assegurar uma formação que corresponda à prática docente na Educação Infantil, a fala, a voz do próprio professor: autor e coautor do processo de aprendizagem significativa à criança pequena.

Com vistas no prescrito pelos Referenciais Nacionais para Formação de Professores, que ainda na década de 1999, já estabelece prerrogativa à formação.

A formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamentos das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de autoavaliação que admite a construção contínua de competências profissionais. (BRASIL, 1999, p.70).

Exercitar a reflexividade, a formação com uma reflexividade mediada pela escrita de si e leitura do outro, possibilita que ações implicadas à formação, sejam alvos de avaliação, o que enriquece todo um sistema educativo por ter na autoavaliação não só a atividades do professor, como também de todos os profissionais educacionais, do currículo e do contexto existente.

Vemos nessa conjuntura a necessidade de investigar, de conhecer histórias do professor, pressupondo questionarmos sua participação na construção de sua própria identidade profissional diante da educação da criança pequena? Souza e Almeida (2012, p. 46) advogam que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer

identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”.

A profa. Andréa, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Docência na Educação Infantil (UFMA²); Educação Especial/Inclusiva (UEMA³) e Informática na Educação (IFMA⁴), iniciou como professora auxiliar (ajudante da professora titular da turma) com crianças de dois e três anos, e atualmente trabalha na Educação Infantil de duas redes municipais no Maranhão, rememorando sobre a importância de uma formação continuada consubstanciada em teorias que fundamentam o trabalho com crianças, narra:

[...]inicie na universidade as disciplinas teóricas referentes à Educação Infantil, onde foi possível observar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais em relação a dicotomia existente entre a teoria e a prática e o trabalho desenvolvido na instituição, que era bastante voltado para o processo de escolarização e alfabetização e não para a aquisição de outras competências e habilidades relacionadas a esta etapa de ensino. Essa experiência foi marcante e decisiva para que eu decidisse atuar na área, uma vez que ao iniciar o trabalho com os pequenos pude não somente reviver as minhas lembranças da época em que fui aluna como também recordar a forma como fui ensinada por minhas professoras [...].

Dessa forma, os sentimentos vivenciados nesse início da carreira como docente foram diversos e vão desde a alegria por reviver com nostalgia, algumas lembranças da minha infância até o medo de não conseguir trabalhar com as crianças da forma como deveria e sim como fui ensinada. Entretanto, este é um sentimento que cada dia vem sendo superado no decorrer dos anos, pois nesse período pude desconstruir algumas concepções e práticas a partir de outras experiências como professora de creche e dos estudos voltados para a Educação Infantil e a formação docente para atuar na área através de pesquisas e trabalhos realizados durante minha jornada acadêmica e em um grupo de estudos sobre o tema na universidade, compreendendo a importância dessa etapa no desenvolvimento da criança. (Profa. Andréa Guerra, Escola II).

As memórias da profa. Andréa nos fazem recorrer à explicação de Souza (2007) sobre o trabalho com a narrativa da história de vida, ajudando-nos a contextualizar a perspectiva narrativa junto ao processo formativo.

A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu e a memória narrativa, como virada significante, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências. (...) Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade de se construir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de formação de professores. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador. (SOUZA, 2007, p.63-64)

Alinhados a Goodson (1992, p. 71) ao nos alertar que “o principal ingrediente que vem faltando nas pesquisas na área da educação é a voz do professor e que o respeito pelo autobiográfico, pela ‘vida’, é apenas um dos aspectos duma relação que permite fazer ouvir a voz do professor”. Por isso questionamos: o que diz ou que tem a dizer o professor da Educação Infantil sobre os desafios iniciais de sua prática docente? Goodson (1992), destaca que o pesquisador precisa ter atenção ao tratar das ações docentes, pois nos relatos de sua pesquisa,

2 UFMA – Universidade Federal do Maranhão.

3 UEMA – Universidade Estadual do Maranhão.

4 IFMA – Instituto Federal do Maranhão.

observou como os educadores falavam com grande relevância de sua vida, relacionando-a aos aspectos de suas atividades, desejando-se elevar à reflexão.

[...] os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo” (GOODSON, 1992, p. 75).

A professora Iluas, trabalha atualmente na Educação Infantil da rede pública municipal, revela alegria, emoção, receios e entusiasmos ao lembrar do início da docência nessa etapa de ensino. Ressalta a importância das ‘rodas de estudo’ que tinha na escola como formação, em que apreendemos as influências familiar, escolar e do convívio com as crianças, constituíram a mescla dialética que sua escrita demonstra nas expectativas e experiências marcadas em sua escrita.

Me chamo Iluas, Pedagoga. Tenho 52 anos e mais de 20 anos de profissão. Sou professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Luís. Ah! Recordar ao tempo, lembrar o início de tudo. Parece rodar um filme na minha cabeça. Um amor à primeira vista. Isso amor mesmo. Tinha 17 anos estava no último ano do segundo grau assim chamado na época. Aí surgiu uma oportunidade de auxiliar de classe em uma escola montessoriana de São Luís em que minha irmã já trabalhava como professora, e me convidou.

[...]Quando lá cheguei o medo foi grande. Confesso! O que fazer? Como fazer? Mas não desisti! Aceitei o desafio e fui aprender aprendendo com as crianças. Verdade! Foi muito prazeroso aquele convívio, descoberta do mundo das crianças. Estudar os grandes estudiosos como Maria Montessori, Piaget, Lev Vygotsky entre outros. Passado um tempo fui convidada pela dona da escola para ser titular de sala. Pensei: Será se ela pirou? Eu ser titular?! Aceitei de novo! Pois lembro da alegria dos rostinhos das crianças que ali chegavam. Era uma satisfação muito grande aquele meu trabalho. Tínhamos rodas de estudos que eram maravilhosos. Tinha uma fome, fome de conhecimentos. Pois em seguida via nas crianças a resposta dos meus estudos. (Profa. Iluas, Escola I).

Adotamos o conceito de experiência como aquilo que nos marca, nos toca, nos modifica, capaz de provocar no sujeito experienciado uma transformação, mas como o próprio Larrosa (2002, p.26), incita-nos a pensar que “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Essa provocativa de Larrosa (2002) nos remete a pensar na narrativa na qual a experiência foi gerada, tendo a memória uma via de comunicação que Souza (2007, p. 95) advoga “porque o ato de lembrar e narrar possibilita ao ator reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaço para uma compreensão da sua própria prática”, sem, no entanto, desconsiderar a oportunidade e a necessidade da teorização nesse processo.

Tentar compreender as escritas narrativas é buscar identificar as experiências que permeiam no espaço/tempo/contexto, permitindo que na reflexão de si, sobre possibilidades outras, se façam presentes construindo e reconstruindo histórias vividas e fomentadoras de identidades em um processo dialeticamente formativo. Larrosa (1995, p. 193) colabora enfatizando:

[...]chamamos de autoconsciência ou identidade pessoal, o que parece ter uma forma essencialmente narrativa, não será talvez o sempre provisório e pronto a colapsar que nos damos ao trabalho infinito de distrair, consolar ou acalmar com histórias pessoais, o que nos perturba? É possível que não precisemos senão uma imperiosa necessidade de palavras, pronunciadas ou escritas, ouvidas ou lidas, para cauterizar a ferida.

A experiência da professora Charlene, em seu início de formação, retrata bem como as lembranças feridas são marcadas por sua memória e exposta, antes, pela narrativa oral ao conversar com sua coordenadora sobre as angústias vividas durante o seu primeiro ano letivo e, posteriormente, a escrita lhe fez refletir que o desafio lhe motivou a estudar, a se fundamentar.

A primeira vez que entrei em uma sala de aula foi no ano de 2006, [...]. Minha primeira experiência como professora foi desafiadora pois tive que assumir a turma de alfabetização (Infantil II) e lembro de sentir muito medo e me sentir incapaz, pois durante a faculdade não tive disciplina específica voltada para essa área e nem experiência com o processo.

A turma era pequena com cerca de 10 alunos, eram carinhosos, participativos e muito inteligentes, mas havia um aluno em especial que me desestruturava, era uma criança que não aceitava a rotina escolar, sempre tentava atrapalhar todas as atividades, rasgava livros, batia, mordida e falava muitos palavrões. Havia dias em que quando terminava o horário de aula estava completamente exausta fisicamente e psicologicamente, voltava pra casa e chorava, ficava me questionando se havia escolhido a profissão certa. Mas resolvi não desistir. Então procurei meios para adquirir os conhecimentos que não foram adquiridos durante a faculdade em relação a alfabetização e inteligência emocional através de literaturas e trocas de experiências.

Investi meu tempo livre em leitura, construção de jogos educativos e atividades sociais como músicas, participação voluntária em atividades propostas e brincadeiras de contato com regras, estudos, trabalhos e confecção de objetos em duplas e grupos que tinham como objetivo promover a interação, afetividade e respeito entre os alunos.

Após a festa de formatura, depois de refletir sobre todo o ano letivo, os medos, desafios, alegrias, conquistas, decidi conversar com minha coordenadora e solicitei a minha mudança de nível, pois a minha experiência na alfabetização me trouxe incertezas sobre a escolha da minha profissão e queria ter certeza se deveria continuar na área. (Profa. Charlene, Escola V).

Portanto, a 'história de vida', que Souza e Kramer (2003, p. 23) referem como sendo o "método autobiográfico ou da 'história de vida'", na pesquisa narrativa, permite transitar na temporalidade e contexto do narrável, sem obrigatoriedade linearmente imposta ao enredo na História tradicional, pois a retrospectiva das lembranças entremeia a ótica das lentes da situação presente vivenciada pelo narrador/ouvinte, com vistas à prospecção futura, a partir da rememoração reflexiva de si e do outro, que o narrável oportuniza.

A pesquisa narrativa não pode ignorar ou muito menos obscurecer as circunstâncias coletivas, os contextos e movimentos culturais e históricos onde essas pessoas vivem. Não podemos perder de vista que aquilo que sabemos – nossas experiências – aquilo que somos – nossos projetos – são focos que queremos compreender e interpretar. (SOUZA; KRAMER, 2003, *ibid*).

Conhecendo as narrativas docentes: o percurso metodológico

Diante do desafio de se refletir sobre o processo de formação continuada pela lente do próprio educador incide uma ação auto reflexiva, que exige a rememoração de experiências, cujo desafio das histórias de vida nos leva a problematizar: de que forma a perspectiva narrativa se constitui estratégia formativa ao desenvolvimento profissional do educador? O que a abordagem narrativa traz de contribuição para o educador no continuum formativo em que a participação docente se volta para si, para o olhar de si, para a escrita de si?

Propomos a escrita autobiográfica como metodologia investigativa por meio de entrevista gravada de cunho narrativo, na qual direcionamos o enredo a ser lembrado, pensado e refletido pelas professoras, como fator mediador no ato narrativo, tendo como foco principal rememorar o início do trabalho na Educação Infantil: os primeiros dias, meses ou anos, para buscar, em suas memórias, as emoções sentidas nesse período. O momento atual de pandemia do SARS-CoV-2⁵, nos mobilizou a contactar os sujeitos da pesquisa por *e-mail*, *WhatsApp* do qual usamos o gravador do aplicativo para captar informações como também as escritas, durante o primeiro semestre de 2019.

Após conversar e dialogar com os colaboradores da pesquisa, construímos um texto

5 SARS-CoV-2, denominação da doença causada pelo coronavírus - COVID-19 – Corona Vírus Disease (grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos) e identificado primeiramente na cidade de Wuhan na China com registro de transmissão em dezembro de 2019.

narrativo, convidando as professoras a rememorem suas experiências do início do trabalho com crianças pequenas e enviamos via rede social do *WhatsApp*, obtendo como resposta às primeiras escritas: quatro docentes enviaram por e-mail; uma professora escaneou seu manuscrito e duas escreveram pelo próprio *WhatsApp*. Na segunda etapa da entrevista, retomamos o contato e questionamos sobre o que sentiram e quais foram as reflexões geradas pela escrita narrativa.

Pensando em escrutinar a prática docente pela via narrativa das histórias de vida, mapeamos o dito de sete professoras: Iluas, trabalha os dois turnos na Escola I; Andréa Guerra atua em dois distintos municípios⁶, é professora da Escola II em São Luís; Elissandra, pedagoga na Escola III, trabalha com a turma de 5 anos (Infantil 2); Pati, pedagoga, é responsável pela turma de cinco anos – Infantil 2 na Escola IV; Lucinha (licenciada em Letras e atua como professora volante: um dia em cada turma, substituindo a professora que está em planejamento), Andréa Guerra (Infantil 2) e Charlene (na creche de 3 anos) as duas pedagogas e as outras três trabalham no turno matutino da Escola V.

Todas as professoras são concursadas com mais de cinco anos de docência na Educação Infantil e demonstraram, em suas narrativas, desafios enfrentados inicialmente nessa etapa, sejam de insegurança, medo, incertezas, dúvidas, mas todas conseguiram refletir em suas histórias que os desafios, o convívio com as teorias e com as crianças lhes proporcionaram condições para continuar, apesar de que todas demonstraram a insuficiência teórico-metodológica na graduação para subsidiar a prática docente. Conseguimos apreender que a pesquisa, os estudos pessoais e a formação continuada deram-lhes condições para trabalhar com as crianças e suas lembranças afetivas e formativas constituidoras de sua formação identitária docente possibilitou a reflexividade pela via da escrita autobiográfica.

Interrogamos as sete professoras entrevistadas, sobre o que sentiram ao lembrar das atividades iniciais da docência com crianças pequenas, quais os sentimentos ou aprendizados foram percebidos ao refletir e escrever sobre suas experiências, duas preferiram não responder, mas as cinco demonstraram: sentimento de alegria pelas boas lembranças (Profa. Iluas); a sensação de conquista, de superação faz a professora. Charlene considera que ela aprendeu muito e se sente feliz na profissão. A profa. Andréa Guerra (Escola II) relata uma experiência no momento de sua escrita, narrando:

Sim, foi muito bom, porém tive sentimentos de medo. De repente me vi cercada de crianças e não tinha experiência nenhuma para lidar com elas [crianças de 2 e 3 anos] a não ser as minhas próprias lembranças de como era na minha escola. Além disso, de um lado estava a teoria que dizia uma coisa e a prática acontecia de outra maneira. Questionava outras colegas que atuavam em outras escolas e a realidade era a mesma.

O sentimento de medo e as lembranças da insegurança da professora ao iniciar o trabalho com crianças, revela-nos um importante dado que é a necessidade de uma formação contextualizada com a realidade escolar, uma formação que subsidie sua prática docente de forma a lhe proporcionar segurança e mais tranquilidade para suas ações. Cabe-nos, diante dessa narrativa, reconhecer as possíveis lacunas da formação inicial e o desafio em desconstruir a percepção equivocada da dicotomia entre teoria e prática, que a grande maioria do professorado sente ao sair da faculdade e adentrar a sala de aula, para indagar o sentido da formação continuada frente essa conjuntura.

Percebemos que ouvir o professor, conhecer seus desafios e angústias abre caminho para a construção de um itinerário formativo contextualizado capaz de dialogar e se aproximar das necessidades reais do docente. E ainda verificar que a riqueza do narrável eleva o próprio docente a se perceber em um espaço/tempo/contexto, elucidando e aflorando sensações pelas lembranças rememoradas, que o ajudam a identificar e constituir sua identidade em processo contínuo de aprendizagem.

Como a fala da professora Pati que, em seu primeiro dia de aula, passou seu final de semana preparando um recurso para brincar com as crianças e quando chegou à escola, deparou-se com um espaço físico que não comportava a aplicação do recurso (por ser muito

⁶ São Luís é a capital do Maranhão e está localizada dentro de uma ilha (Upaon-Açu) na qual abarca geograficamente mais três cidades (Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa)

grande) e diante da frustração, relatou: “*Eu senti vergonha [risos], tipo: eu fiz algo partindo da minha realidade. O que é um erro!*” (Profa. Pati, 2020, Escola IV). A experiência narrativa de buscar em suas memórias culmina em uma autoformação no processo de reflexividade gerando aprendizagem, um olhar de si sobre si dentro de um contexto interconectado com espaço e tempo, moveu a professora a um momento autoformativo.

Podemos dizer que a vida ou o mundo vivido é o lugar da educação, e as histórias de vida são o terreno onde se cultivam experiências e, conseqüentemente, onde se constroem formação e aprendizagens que emergem de transações com o ambiente natural, com instituições. [...] As imagens que guardamos ou preservamos na memória são, de certa forma, marcas da trajetória e das vivências que nos formam como indivíduos. (MARTINS; TOURINHO, 2017, n.p).

Resgatamos histórias de vida docentes, por suas escritas autobiográficas, da forma como Souza e Kramer (2003) chamam atenção para a era das pequenas narrativas, assegurando a importância em perspectivarmos os desafios postos a cada instante na contemporaneidade, que sucede nossos encontros relacionais de formações.

O desafio que se coloca para a escola é o de descobrir-se parte da vida, de buscar nessa vida o que dela foi negado, reinventar o sentido, desafio que se coloca também para a própria humanidade. É preciso não esquecer a astúcia, e, sobretudo, não perder o nome, não ‘perder’ (o tempo, não perder a vida. (SOUZA; KRAMER, 2003, p. 53).

Esse é talvez nosso maior desafio nesse trabalho, resgatar colaborativamente e conjuntamente nossa história, nossa identidade como coordenador, como pessoa, como profissional, com grupo, deixada para trás, não conquistada ou não explicitada. Precisamos tornar contáveis nossas experiências, arvorar bandeiras que identifiquem nosso trabalho, refletir atividades, para gerar conhecimentos e produzir nossa história fazendo narrativas.

A giusa de considerações finais

A história de vida ratifica peculiaridades vividas na realidade concreta dos professores e se amplia pela ação, reflexão e ação imposta à reflexividade e a transformação do sujeito por meio das experiências de seu percurso formativo que se dá de forma permanente. Os desafios que o mundo atual, impactado por bruscas e inesperadas transformações provocados pela pandemia global do *COVID-19* obriga o isolamento social, com repercussão à vida pessoal e profissional do docente-pesquisador.

Buscamos, dessa forma, compreender a complexidade do fenômeno educativo, com as experiências de uma esfera narrativa potencializadora de aprendizagens formativas pela disposição dos fragmentos das memórias pessoal e social, entrelaçadas pela contextualização reflexiva do vivido.

A natureza da continuidade formativa da docência sujeita-se à condição de disposição autocrítica, autoanálise em relação aos outros, outros esses, que incorre desde um objeto, a pares e seu próprio entorno. Com um olhar retrospectivo crítico diante das novas perspectivas vivenciadas no percurso formativo, emanando dessa proposta a emancipação formativa do sujeito aprendente, no decurso de suas experiências.

Para tanto, referenciamos a concepção de narrativa, adotada como instrumento de rememoração, reflexão, pesquisa, prática social, potencializadoras de: ensino nos espaços formativos; aprendizado no campo da apropriação e construção de conhecimento; desenvolvimento na amplitude do vir a ser, do devir, da singularidade e autoformação, esta não como corroboradora do isolamento pedagógico, mas como busca, diálogo consigo, com suas memórias, seus saberes e aprendizados, os quais se dão no contexto também coletivo, seja do âmbito físico ou virtual, pela conversa ou pela leitura e escrito do outro, o compartilhamento, a troca de experi-

ências com o outro é de fundamental importância ao processo de desenvolvimento formativo contínuo e permanente que se forja no meio educativo.

A complexidade e as nuances recorrentes à ação educativa no exercício de seus fazeres trazem para o educador a necessidade holística de um itinerário formativo, respeitando e garantindo a heterogeneidade criativa; a interdisciplinaridade dos saberes; a reelaboração de aprendizagens pela explicitação de seus narrativos revelados pelos multiformes olhares e apreensões de experiências compartilhadas mutuamente. Apesar da conjuntura pandêmica do mundo atual incentivar o distanciamento físico, o processo formativo, do qual defendemos prima pela rememoração de experiências em seus diferentes tempos, contextos e espaços, reflete sobre vivências, perspectiva novas e permanentes formas de aprender, conviver, formar-se e autoforma-se como pessoa e profissional que não se cinde pelas responsabilidades assumidas, mas se une pelas histórias e narrativas que o compõe.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. São Paulo, Brasiliense, v.I. 1993.

BOLÍVAR, A. **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais para formação de professores. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1999.

CONNELLY, F.M.; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Dejáme que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor; as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A., (Org.). **Vidas de professores**. Porto, Porto Ed. 1992.

GOODSON, Ivor F. A ascensão da narrativa de vida. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: ed. UFSM, 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: ed. UFSM, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB. 2016. E-book, ISBN 978-85-397-0874-1.

LARROSA, J. Las paradojas de la autoconciencia. IN: LARROSA, J. et al. **Dejáme que te cuente - ensayos sobre narrativa y educación**. Ed. Laerte. Barcelona, 1995.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre experiência e os saberes de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n.19, 2002.

LARROSA, J.; KOHAN, W. Apresentação da Coleção. In: KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor: relatos de um viajante educador**. Trad. Hélia Freitas. 2ªed. Ed. Autêntica (Coleção educação: experiência e sentido). E-book. 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 20.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência. Cap. VI. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene.; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: ed. UFSM, 2017.

MORAES, Ana Alcídia de Araujo. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação**. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 2000.

SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia. Buscando o mito nas malhas da razão: uma conversa sobre educação e teoria crítica. In: KRAMER, Sonia. SOUZA, Solange Jobim e. (Orgs.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. 1ªed. 2ª imp., São Paulo, Ática, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, TM. (Orgs.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SOUZA, E, C; ALMEIDA, J, B. Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto) biográfica em rede**. Natal: Ed. UFRN; Porto alegre: Ed. IPUCRS; Salvador; Ed. UNEB, 2012. p.29-31.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. Tradução Paula P. Vicentini. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB. 2016. E-book, ISBN 978-85-397-0874-1.

Recebido em 21 de janeiro de 2021.

Aceito em 15 de abril de 2021.